

A tessitura cotidiana de um espaço educacional inclusivo por meio das tecnologias da informação e comunicação: uma pesquisa narrativa¹

Adriana Barroso de Azevedo (UMESP)
Elizabeth Cristina Costa-Renders (UFABC)
Bruno Tonhetti Galasse (UMESP)²

Resumo: Esta comunicação apresenta os resultados parciais de uma pesquisa sobre o movimento das diferenças promovido pela presença das pessoas com deficiência nos cursos de licenciatura, modalidade educação a distância (EAD), na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) no ano de 2014. A pesquisa partiu do reconhecimento de uma interface direta entre o paradigma da inclusão e a EAD, nos termos do encurtamento de distâncias, da universalização de acesso e da inovação no sistema educacional brasileiro. Buscou promover um duplo olhar sobre o processo inclusivo, perguntando, primeiro, pela percepção dos licenciandos sobre o potencial inclusivo da EAD, bem como das tecnologias da informação e comunicação, na sua formação docente. Segundo, deslocou o olhar dos licenciandos para o seu tempo de escolarização, perguntando pelas práticas pedagógicas que os mesmos indicam como necessárias e importantes para que efetivamente os estudantes com deficiência sejam incluídos na escola. A metodologia utilizada foi a pesquisa narrativa, a qual seguiu duas etapas: a coleta dos textos de campo (cartas escritas pelos licenciandos) e a construção dos textos de pesquisa (carta aberta aos professores da rede pública). Como uma pesquisa narrativa, trouxe como resultados a criação de um espaço virtual para compartilhamento das histórias vividas na escola, a constituição de um material documental sobre a relação TIC/EAD e a organização de comunidades de conhecimento com professores e licenciandos.

Palavras Chave: inclusão, educação a distância, formação docente, tecnologias da informação e comunicação, pesquisa narrativa.

Abstract: This paper presents the partial results of a research on the “differences movement” promoted by people with disability in EAD (distance education) teachers training courses of the Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) in 2014.

Keywords: Social inclusion of persons. distance education. teachers training courses.

Introdução

Este texto apresenta os resultados de uma pesquisa de natureza qualitativa, na modalidade narrativa, que investigou o movimento das diferenças promovido pela presença das pessoas com deficiência no curso de Pedagogia³, modalidade educação a distância⁴, na Universidade Metodista de São Paulo⁵ durante o ano de 2013 e 2014. Coloca em perspectiva, portanto, o paradigma da inclusão e a ecologia de novos saberes e reconhecimentos na educação por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação⁶.

¹ Trabalho apresentado no CONLAB 2015 (Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas) com financiamento da CAPES e da FAPESP.

² Grupo de professores que desenvolvem desde 2013, na Universidade Metodista de São Paulo, o Projeto de Pesquisa Carta aberta aos educadores: a tessitura cotidiana de um espaço educacional inclusivo por meio das TIC. Os professores Adriana Azevedo e Bruno Galasse, além da docência, atuam no Núcleo de Educação a Distância da Instituição, coordenando os processos de revisão, elaboração e produção de materiais didáticos para os alunos EAD. A Profa. Elizabeth Renders atuou até julho de 2014 como Coordenadora da área de inclusão da mesma instituição.

³ Dentre as 06 pessoas com deficiência matriculadas no curso Pedagogia EAD em 2014, apenas 04 aceitaram o convite em participar desta pesquisa. Destes 04, 03 permaneceram até o encontro final.

⁴ Doravante EAD.

⁵ Doravante UMEESP.

⁶ Doravante TIC.

A EAD nas instituições de ensino brasileiras chega abrindo espaços para a construção de novas práticas acadêmicas e pedagógicas e passa a alterar significativamente o paradigma que conduzia, até então, a formação na educação superior. Através do desenvolvimento e disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação e suas ferramentas, passamos a viabilizar novas formas de contato com as mais variadas fontes do conhecimento e a interação entre os diferentes agentes do processo educativo. Isto garante um universo de possibilidades que qualificam o processo de ensino e aprendizagem em EAD, sem se desfazer daquelas metodologias que o sistema presencial de ensino já consolidou (Azevedo, 2012). As principais diferenças entre a graduação oferecida na modalidade presencial e aquela oferecida a distância que afetam os estudantes e docentes, estão nos recursos comunicativos e na estrutura pedagógica.

Na EAD não há um local de encontro único e obrigatório diário, os alunos estão dispersos geograficamente, são adultos que trabalham e dispõem de tempo parcial para os estudos. Estes carecem, portanto, de um processo de ensino aprendizagem que seja organizado de forma mais livre e autônoma. As atividades em EAD devem ser desenvolvidas com flexibilidade e eficiência e os currículos devem ter uma organização diferenciada para atender todas as demandas inerentes à própria modalidade. As tecnologias, que obrigatoriamente, mediam a educação a distância, fazem com que o processo de ensino e aprendizagem se dê fora do espaço da sala de aula, em comunicação direta, cara a cara e de forma síncrona. Os conhecimentos passam a ser apreendidos de forma mais individual, mesmo com o desenvolvimento de atividades colaborativas (Aretio, 2002), o que exige a autonomia discente.

Nesta pesquisa, todavia, enxergamos a EAD a partir de sua face inclusiva, acessível e flexível, que permite, a partir de sua organização e funcionamento diferenciados e do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação acessíveis, a inclusão de pessoas com deficiência em quantidade nunca antes tão expressiva nos cursos na graduação. No caso da UMESP, em 2007, havia apenas um estudante com deficiência matriculado na EAD, mas, em 2013, havia 61 estudantes com deficiência no seu corpo discente (Costa-Renders, 2012).

Uma questão importante no desenvolvimento dessa pesquisa foi a possibilidade de refletir, a partir das vozes dos licenciandos: como a escola, esse “lugar aprendente”, se revelou àquelas pessoas que em algum momento da vida, ou desde o nascimento, adquiriram uma deficiência e trazem em si as especificidades inerentes à diferença. Nesse sentido, objetivamos contribuir para a reflexão sobre como a escola, um lugar - espaço onde a gente se constitui e aprende - pode vir a ser mais inclusiva, acolhedora e democrática para todas as pessoas.

Nestes termos, fizemos opção pela pesquisa narrativa autobiográfica porque esta possibilitaria a consideração da complexidade pertinente ao percurso desta investigação e propiciaria o processo de desenvolvimento profissional do licenciando de uma maneira humanística e participativa. Este percurso seguiu duas etapas para coleta dos textos de campo e para construção dos textos de pesquisa (Telles, 1999).

A primeira diz respeito à *constituição do material documentário* por meio da primeira conversa com os estudantes das licenciaturas EAD, do acolhimento dos anais (datas/eventos marcantes), da partilha das crônicas (versões mais elaboradas dos eventos) e, por fim, da escrita de cartas. Neste momento, cada licenciando deveria escrever uma carta para um de seus professores da educação básica, compartilhando suas experiências com a educação inclusiva e na EAD.

A segunda etapa se deu pelo *processo de criação de significados* em três passos: a leitura coletiva das cartas, a tematização destas cartas e redação do texto final de pesquisa.

Este artigo, portanto, se fundamenta nos pressupostos da pesquisa autobiográfica, que tem como fonte primeira a narrativa oral, procurando recuperar dos encontros, neste caso, virtuais, suas diferentes dimensões, por meio da compreensão cênica das três cenas. 1. A cena de enunciação, ou seja, o próprio encontro com os licenciandos, aqui narrado num dia com muitas estações. 2. A cena do cotidiano posta num tríplice momento presente, nos termos da narrativa que reúne passado, presente e futuro num momento só. 3. As cenas implícitas, ou seja, o *não-dito* que se fez presente nesta pesquisa narrativa no espaço virtual da EAD.

A escolha dos cenários apresentados no presente artigo foi orientada pelas questões de pesquisa, a saber. 1. Considerando o olhar dos licenciandos sobre si mesmos, quais são os processos pedagógicos que os mesmos indicam como necessários para que as crianças com deficiência sejam incluídas na Educação Básica? 2. Qual a percepção que os licenciandos têm do potencial inclusivo dos seus saberes e das TIC na sua formação docente?

O presente artigo, portanto, apresenta-se em três partes. No primeiro momento, *A crônica de um dia com muitas estações* desenha a complexidade deste percurso investigativo num ambiente virtual de EAD. A seguir, *O cenário da educação a distância numa universidade brasileira* nos remete ao processo de construção desta modalidade de ensino bem como da construção da educação inclusiva no Brasil. A partir desta cena, outras cenas do cotidiano apresentaram-se nesta pesquisa como que num tríplice presente que nos remete ao caminho de *As janelas que abrem horizontes: o percurso de uma carta à compreensão cênica*.

1. A crônica de um dia com muitas estações

Numa manhã de quarta-feira, lá estava a Elizabete na cidade de São Paulo nos estúdios da TV Cultura. Desde os primeiros momentos daquela manhã ensolarada, ela sentia que este seria um dia memorável. Sua rotina já havia sido rompida com a participação no debate sobre Educação Inclusiva no Programa Educação Brasileira. Foram 30 minutos de debate intenso sobre a inserção de um novo profissional em sala de aula – o cuidador. Tal medida, prevista pelo Projeto de Lei 8014/10, propunha-se a aperfeiçoar a inclusão de estudantes com deficiência na rede regular de ensino. As debatedoras do tema, a apresentadora Tatiana Bertoni e as professoras Maria Teresa e Elizabete indagariam: a inclusão exige um atendimento personalizado em sala de aula?

Entusiasmo com a possibilidade do debate inclusivo em rede nacional, expectativa com a imersão no mundo da TV, num estúdio tão bem equipado e amparado por uma equipe técnica... Abruptamente levadas pelo tempo televisivo, onde minutos correm como segundos num programa ao vivo... Enfim, muito nos afetou o que a vida nos reservara naquela manhã de quarta-feira.

Trinta minutos se passaram, a tarde daquela inédita quarta-feira chegou e se foi no retorno à rotina de trabalho. Depois da intensa manhã, imaginávamos que nada mais de novo aconteceria neste dia. Todavia, nos enganamos tremendamente. Um final de tarde e início de noite surpreendentes nos aguardavam.

Havíamos, Adriana e Elizabete, agendado nosso primeiro encontro com os sujeitos da pesquisa narrativa em ambiente virtual. Éramos um grupo grande ocupando diferentes espaços, desde uma pequena sala, na sede da UMESP em São Bernardo do Campo (São Paulo), até outras quatro salas em diferentes polos de apoio presencial da EAD, a saber: polo Ceres em Goiás e os polos Perus, Santos e Itanhaém no estado de São Paulo. Grande era nossa expectativa em conhecer os estudantes e, a partir da diferença de cada um, ouvir suas histórias de vida e inclusão. Quais seriam os eventos

inclusivos na vida destes jovens? Qual teria sido o impacto da atuação docente em sua escolarização?

Tudo estava preparado. Cada passo do diálogo planejado. Neste primeiro momento da constituição do material documentário, iniciáramos com o acolhimento dos anais, ou seja colhendo as datas e eventos marcantes na trajetória escolar de cada um dos estudantes participantes da pesquisa. Somente depois, no segundo encontro promoveríamos a partilha das crônicas que são as versões mais elaboradas dos eventos inicialmente compartilhados. O passo final desta primeira etapa⁷ seria a escrita das cartas aos professores que marcaram suas vidas no sentido da inclusão escolar. Enfim, tudo fora imaginado e preparado para um percurso sem imprevistos e rupturas. Afinal, o modelo pedagógico da educação a distância já estava consolidado numa rotina diária bastante satisfatória e bem avaliada tanto pelos estudantes como pelos professores.⁸

Toda esta tranquilidade e conforto advindo de um cuidadoso planejamento do percurso de pesquisa, de repente, fora quebrado em diferentes dimensões. Nosso primeiro encontro de pesquisa tornou-se um evento em nossas vidas. Abruptamente, às 18 horas do dia 19 de março de 2014, fomos afetados na estação em que estávamos. Não sei se é possível descrever em poucas palavras a crônica deste dia, mas nos arriscamos a fazê-lo e os convidamos a seguir nesta trilha investigativa conosco visitando as diferentes estações vividas numa tarde só.

Um dia ensolarado, num instante, tornou-se nebuloso! Não conseguíamos ver o que fora visualizado com tanta propriedade e clareza há poucos instantes. Toda a equipe estava naquela sala amparada nos recursos tecnológicos e humanos necessários para a efetivação do primeiro diálogo com os estudantes em seus diferentes polos. Mas, de repente, não tínhamos sinal da internet. Recuperado este sinal, não tínhamos retorno de imagem em um dos três polos de apoio presencial. Recuperado o sinal de imagem, não tínhamos contato com uma das estudantes que, por motivo de enfermidade, iria acessar o *Collaborate*⁹ em casa. Foram cerca de 30 minutos para conseguirmos o primeiro contato com três dos quatro estudantes, porém, lá se foram 30 minutos de um percurso planejado para durar 60 minutos. Primeira frustração, como que um dia de inverno chuvoso e frio que nos afeta mesmo numa estação de verão.

A estudante que acessaria o ambiente em casa, não conseguiu fazê-lo. Para diminuir a frustração, iniciamos o diálogo com ela por telefone. O telefone fixo, aparelho dito ultrapassado nos dias de novas, complexas e eficientes tecnologias da informação e comunicação, tem sido, inclusive, importante ferramenta para efetiva comunicação entre professores e estudantes na modalidade EAD. Quando tudo nos abandona, a velha tecnologia nos socorre. Foi por telefone que Amanda teve a oportunidade de falar conosco, naquele inverno em tempos de verão, e narrar o que ansiosamente esperava por fazê-lo.

A falha de recursos nos afetou, especialmente, nos polos de apoio presencial. Ora não tínhamos retorno de imagem, ora não tínhamos retorno de som, ora não tínhamos ambos e comunicávamos por mensagem ou chat. Percebemos que isto acontecia, não pela falta do recurso tecnológico para tal, mas, sim, pelos problemas na

⁷ A segunda etapa se dará pelo *processo de criação de significados* em três passos: a leitura coletiva das cartas, a tematização destas cartas e a redação do texto de pesquisa na forma de uma *Carta Aberta aos Educadores* sobre a tessitura cotidiana de um espaço educacional inclusivo por meio das TIC.

⁸ A cada ano, esta instituição realiza um fórum de avaliação da modalidade EAD, e os resultados da avaliação institucional revelam a satisfação dos alunos com relação ao modelo EAD e as tecnologias utilizadas pela Metodista.

⁹ O Blackboard Collaborate é uma plataforma de aprendizado abrangente destinada especificamente para o ensino.

usabilidade do mesmo. Além da inabilidade da equipe técnica que estava territorialmente distante de nós, havia a inabilidade de parte dos estudantes com deficiência no uso das TIC ou da tecnologia assistiva¹⁰ relativa àquele processo comunicativo. Neste contexto, o João¹¹, um dos alunos participantes, logo foi se adiantando: “eu preciso me incluir nas tecnologias”.

O tempo mudou naquele fim de tarde, a primavera chegou mesmo próxima à noite de inverno. Na medida em que todos nos conectamos e iniciamos nosso diálogo, as diferenças, com sua beleza e aroma próprios, encantaram aquele fim de tarde. Todas as pessoas que ali estavam, juntas, mesmo que territorialmente distantes, desejavam ali estar e aprender com os diferentes sujeitos. Isto era perceptível, por todos os nossos sentidos, no esforço comum de comunicar-se com a visão e sem a audição pelos caminhos da Libras, Língua brasileira de sinais, na intenção de fazer-se notar pelo outro que não nos enxergava ou vice-versa! Toda esta beleza nos afetou a cada história narrada.

1.1 Histórias subjacentes à narrativa de um dia com muitas estações

O João, um rapaz com 28 anos, nos contou dos seus dias na escola depois que adquiriu, aos 15 anos, a deficiência visual total. Toda a sua rotina escolar mudou. Primeiro, tudo se desfez diante da imprevista e abrupta perda da visão. Foram vários anos sem ir à escola. Todavia, mais tarde, seu retorno ao espaço escolar aconteceu condicionado à companhia da mãe que assumiu, diariamente, o papel de professora dentro e fora da escola. Atualmente, diante das barreiras, tanto de mobilidade urbana quanto de acessibilidade física e comunicacional, João optou por fazer uma licenciatura na modalidade EAD e reconhece, nesta modalidade de ensino, novas possibilidades de inclusão educacional por meio dos seus diferentes tempos e espaços para aprender. Especialmente, destaca a necessidade dele mesmo “incluir-se nas tecnologias”.

A Amanda, uma estudante com 43 anos, começou sua narrativa pela escrita no papel de pão. Não, ela não escreveu no papel de pão, a história é outra. Já nos seus primeiros anos escolares, como uma criança com baixa visão, Amanda precisou acessar o quadro negro bem de perto para poder enxergar e copiar a matéria. Todavia, este seu gesto foi entendido pela professora como um ato de indisciplina. Sua professora constantemente a castigava por não permanecer sentada na carteira. Como nunca fora tratada como “deficiente” pelos pais, Amanda não se percebia como deficiente. Para ela, todos que utilizassem óculos enxergavam da sua maneira. Certo dia, uma amiguinha, ao perceber todo seu sofrimento (não, em copiar perto do quadro, mas em enfrentar os castigos diários da professora), lhe entregou toda a matéria copiada, de forma ampliada, em papel de pão. Este ato se repetiu até que, numa tarde, ao ser levada em castigo para a sala do diretor, Amanda teve a chance de contar a sua versão da história vivida em sala de aula. Desde então, graças ao diretor e à amiga, iniciaram-se seus novos tempos no espaço escolar o que possibilitou a superação de diferentes barreiras sociais até chegar aos estudos na educação superior e à escrita do seu primeiro livro.

A Vivian, uma estudante com 33 anos, não viveu a experiência do “ser uma criança com deficiência” na escola. Ela adquiriu a deficiência auditiva há três anos e, portanto, nos contou da sua inclusão na educação superior. Em sua fala, na ausência dos professores, os amigos foram os sujeitos que promoveram as condições para sua

¹⁰ Doravante TA.

¹¹ Os sujeitos da pesquisa foram mantidos no anonimato, sendo mantido neste trabalho por nomes fictícios.

inclusão neste espaço educacional. Por outro lado, ela enfrentou dificuldades na interface da TIC com a TA, ou seja, a aluna recebia ruídos no aparelho por causa do sistema de som tal lhe fora oferecido pelo ambiente de aprendizagem das teleaulas. Neste momento, os amigos e equipe técnica providenciam as necessárias adaptações para o seu acesso e conforto auditivo. Todavia, estes ruídos são recorrentes.

A Maria, outra estudante que iniciou este percurso conosco, nasceu com surdez profunda e não é oralizada. Ela utiliza a Libras, para comunicar-se em todas as situações. Sua primeira memória da inclusão foi de quando, ainda criança, aprendeu Libras na escola com um surdo adulto. Mas este não era seu professor. Atualmente, com 28 anos, ela conta com duas intérpretes de Libras para suas atividades acadêmicas, uma para as atividades no polo de apoio presencial e outra numa janela em Libras durante a teleaula ao vivo. Maria nos contava de sua história na educação básica, quando, abruptamente, sua narrativa foi interrompida por um fato. Uma barreira, inimaginável por nós.

Em nosso primeiro encontro, a intérprete de Libras, que atua na teleaula com Maria, não reconheceu a estudante surda no ambiente virtual de pesquisa. Percebemos naquele instante que, pelo fato de não haver retorno de imagem no estúdio para a intérprete de Libras, esta profissional nunca havia acessado a imagem da estudante com a qual trabalhava. O desconforto foi imediato e impactou emocionalmente a todos nós! Como a intérprete não conhece a estudante para a qual traduz as aulas semanalmente?!

Nosso outono, antes cheio de beleza e diferentes aromas, imediatamente, foi tomado novamente pelas névoas de uma estação de inverno! Nossos olhos estavam turvos – era fato!

1.2 O cenário da educação a distância numa universidade brasileira

A crônica de um dia com muitas estações é a expressão da feição atual da educação a distância no Brasil, no momento em que narra um triplo desafio dos sujeitos nesta modalidade educacional, a saber: o desafio pedagógico, administrativo e social. A face pedagógica deste desafio coloca em questão nossa dependência epistemológica dos modelos tradicionais de ensino-e-aprendizagem, onde ainda persistem as monoculturas do saber, do tempo e do espaço de forma determinada e nada flexível. O desafio administrativo, por sua vez, aponta para a necessária religação das atribuições das equipes administrativas e pedagógicas nos termos da partilha de funções e do uso das tecnologias da informação e comunicação em toda a estrutura deste campo educacional, a começar pelo ambiente virtual de aprendizagem acessível a toas as pessoas. O universal não mais nos basta, a EAD exige a ecologia de novas temporalidades, espaços e reconhecimentos no campo educacional.

Já o desafio social representa a democratização tanto do acesso à educação superior quanto da produção do conhecimento acadêmico de forma que o mesmo transponha as fronteiras de alguns poucos centros urbanos do Brasil. Entendemos que a educação a distancia neste país continental vem ao encontro do encurtamento de distâncias e da eliminação de barreiras na educação superior. Falamos também da promoção do encontro entre pessoas com e sem deficiência nas diferentes modalidades de ensino.

A instituição por nós pesquisada, a UMESP, na década de 1990, carecia de uma base tecnológica mais robusta para avançar nesta nova modalidade de ensino. Um passo importante no sentido de suprir essa necessidade foi dado no final de 1998, com a apresentação e aprovação do Plano Emergencial Tecnológico, que permitiu um salto qualitativo no processo de modernização institucional. A criação do Centro de

Educação Continuada e a Distância (CEAD¹²), em setembro do ano 2000, por sua vez, trouxe as condições para a capacitação dos professores e da equipe de profissionais na área da tecnologia da informação e comunicação e possibilitou os primeiros passos da EAD neste campo educacional.

Percebe-se que em seu Projeto Pedagógico Institucional, um novo conceito educacional passou a embasar a gestão desta universidade. Enfim,

um novo espaço epistemológico está em fase de gestação, com as seguintes características: construção, capacitação, aprendizagem, desenvolvimento das competências e habilidades, respeito ao ritmo individual, formação de comunidades de aprendizagem e redes de convivência [...] e gestão do conhecimento (Barbosa, 2005: 51)

A instituição assume, portanto, uma ênfase no processo de construção de conhecimento nos termos da autonomia, coautoria e interação, onde a educação promove um pensamento em rede e não linear, bem como busca a promoção de um sujeito produtor de seu conhecimento, exigindo auto-organização e autodisciplina por parte de todos os estudantes, inclusive, das pessoas com deficiência.

Em 2005, esta mesma universidade cria a Assessoria Pedagógica para Inclusão das Pessoas com Deficiência por meio do projeto *Melhor é Nossa Causa*, o qual atualmente dá corpo ao núcleo de acessibilidade da mesma¹³, bem como estabelece uma interface direta com o Projeto Pedagógico Institucional – onde fortalecer a cultura inclusiva faz parte da compreensão das tarefas desta universidade¹⁴. Tal iniciativa veio corroborar as ações de flexibilização de tempos e espaços de aprendizagem propostos pela educação a distância. Ou seja, pelo uso das diferentes linguagens midiáticas na construção do conhecimento em EAD, desenvolve-se uma educação “mais livre, menos rígida, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização do racional; uma organização provisória que se modifica com facilidade” (Moran, 2000:12).

A educação a distância, portanto, apresenta-se como uma *possibilidade flexível de acesso à formação*, eliminando barreiras de acessibilidade física e favorecendo a percepção e o uso dos diferentes tempos e espaços de aprendizagem por parte de estudantes e professores. Tais fatores são particularmente importantes em um país cheio de barreiras impostas às pessoas com deficiência e com mobilidade reduzida. Entendemos, portanto, que a educação a distância é um veículo importante para a socialização e democratização do saber em nosso país.

Quanto ao formato dos cursos de graduação a distância oferecidos por esta instituição, os mesmos utilizam-se dos recursos de transmissão de teleaulas via satélite para polos regionais, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), Biblioteca Digital e materiais impressos. Cada teleaula tem de 100 minutos de duração, sendo ministrada pelo professor temático e acompanhada pelo monitor presencial no polo regional e pelos professores orientadores acadêmicos a distância, podendo ser precedida ou seguida por uma aula-atividade com a mesma duração já mencionada. Durante a teleaula, um chat fica aberto conectando a sede às respectivas salas de recepção nos polos. Pelo chat, podem ser encaminhadas as dúvidas, questionamentos, reflexões e respostas a exercícios solicitados pelo professor durante a teleaula. Tais participações

¹² Atualmente NEAD, Núcleo de Educação a Distância.

¹³ Conforme o disposto pela Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. (MEC, 2008).

¹⁴ UMESP. Projeto Pedagógico Institucional 2008-2012.

são enviadas em tempo real a uma equipe formada por professores orientadores acadêmicos que auxiliam no repasse das questões ao docente, que responde ou comenta os questionamentos durante a teleaula. O planejamento das teleaulas contempla momentos de exposição do conteúdo pelo professor, dinâmicas de grupo, perguntas, espaço para esclarecimento de dúvidas e demais atividades organizadas pelo professor temático. O planejamento envolve a equipe de profissionais do Núcleo de Desenvolvimento de Materiais Didáticos e a Assessoria Pedagógica, a qual dialoga com a Assessoria Pedagógica para Inclusão quando da necessidade de atendimento educacional especializado por algum dos estudantes ou professores. Os recursos de atendimento educacional especializado são diversos e dependem da demanda posta pelo estudante com deficiência por meio de um formulário de solicitação de atendimento educacional especializado que lhe é disponibilizado desde a inscrição no processo seletivo até a matrícula no curso pretendido.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) oferece o suporte para a interação entre alunos e orientadores acadêmicos a distância, servindo para o esclarecimento de dúvidas e espaço de reflexão coletiva sobre o conteúdo do curso. Pelas ferramentas de comunicação individual, o aluno pode esclarecer suas dúvidas com o orientador acadêmico designado para sua turma. Há um Guia de Estudos, em formato digital, que tem por objetivo orientar o educando a cada módulo, com detalhes específicos como planos de ensino, cronograma de atividades e textos introdutórios sobre os temas abordados.

1.3 Cenário subjacente à transição paradigmática narrada: a educação a distância e a inclusão de pessoas com deficiência num movimento só

Considerando que o uso de tecnologias de informação e comunicação pode contribuir para o desenvolvimento de sujeitos autônomos e capazes de dialogar com os demais sujeitos, tais novidades tecnológicas trazem um benefício ainda maior para pessoas com deficiência. Os novos sistemas de transmissão de informação e de interação oferecem as condições de acessibilidade, bem como oportunizam o uso da tecnologia assistiva também na educação superior. Para que isso ocorra, há uma necessidade que parte da equipe pedagógica e da desenvolvimento da tecnologia de uma busca constante pelas melhores formas de construção de um portal. Embora muitos portais se colocam como acessíveis, não é incomum verificarmos que algumas ferramentas dentro do portal ainda não são totalmente acessíveis.

O fato de, em 2013, 61 pessoas com deficiência estudarem na modalidade EAD na instituição pesquisada confirma que a EAD é um espaço importante para a eliminação de barreiras também para os estudantes com deficiência. Os balanços sociais desta instituição mostram que, em 2007 havia somente 01 estudante com deficiência matriculado na EAD, todavia, desde então, este número tem aumentado significativamente ano a ano, sendo que, em 2013, 22 novos estudantes com deficiência ingressaram nesta modalidade de ensino. Dentre estes, estão os estudantes que participaram desta pesquisa narrativa. Ou seja, é perceptível a relevância da EAD também para as pessoas com deficiência.

Especialmente, para as pessoas com deficiência, a EAD amplia possibilidades de estudos, considerando-se os grandes problemas de acessibilidade urbana. Na maior parte das cidades brasileiras, não há transporte acessível e nem vias urbanas acessíveis. Diante destas dificuldades de locomoção impostas pela sociedade, frequentar a sala de aula uma vez por semana e estudar em casa nos demais dias é uma oportunidade única para as pessoas com deficiência. A universidade cumpre o seu papel de levar conhecimento a locais mais distantes, em que a acessibilidade não está

presente na maior parte da cidade, atuando como catalisadora de mudanças e promotora de uma atitude inclusiva, ao receber os alunos com e sem deficiência para que estes autonomamente e com acompanhamento, desenvolvam suas potencialidades e saberes.

As universidades brasileiras ao instituírem o seu núcleo de acessibilidade, através de assessoria pedagógica específica e de ações que primam pelos eixos de acessibilidade física, comunicacional e atitudinal, respeita a política nacional de educação inclusiva embasada em alguns dispositivos legais. A saber. A *Portaria 3284/2003* que, como instrumento legal de exigibilidade na educação superior, “dispõe sobre os requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições”, bem como prevê o compromisso formal da instituição em garantir a acessibilidade. A *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (2008) que indica a educação especial como um tema transversal desde a educação infantil até educação superior. O *Decreto 7611/2011* que dispõe sobre o atendimento educacional especializado e garante a educação especial como tema transversal em todos os níveis do sistema de ensino, viabilizando, no Art 5º, a estruturação de núcleos de acessibilidade nas instituições federais de educação superior.

No Brasil há também indicadores do Ministério da Educação (MEC) para avaliação das graduações, os quais destacam, como requisitos legais, o oferecimento da língua de sinais e das condições de acessibilidade. A avaliação das instituições adota as respectivas perguntas. 1. O projeto pedagógico do curso prevê a inserção da Libras na estrutura curricular do curso, como disciplina obrigatória, quando se tratar de curso de licenciatura ou curso de fonoaudiologia? 2. O PPC prevê a inserção de Libras na estrutura curricular do curso, como disciplina optativa, quando se tratar dos demais cursos superiores? 3. A instituição apresenta condições adequadas de acesso para pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida? (MEC, 2008: 18).

Retomando as ações desenvolvidas pela instituição pesquisada, bem como os relatórios da assessoria pedagógica para inclusão, ambos apontam alguns desafios, tais como:

- ✓ A continuidade da tradução de duas teleaulas no curso de Pedagogia para alunas surdas na Língua Brasileira de Sinais por meio da janela em Libras.
 - ✓ A contratação de uma estagiária do curso de Letras para a produção de resumos detalhados das aulas para alunos com deficiência auditiva que são usuários da Língua Portuguesa;
 - ✓ Reuniões com os coordenadores dos cursos de Processos Gerenciais/EAD e Logística (EAD) onde há estudantes com deficiência matriculados;
 - ✓ Diálogo diário com Equipe Técnica do NEAD referente às transcrições não literais;
 - ✓ Esclarecimento de dúvidas e apoio pedagógico às coordenações de polos de encontro presencial e a sua equipe técnica e pedagógica.
- (UMESP, 2013)

Segundo os documentos pesquisados, desde o ano de 2010, a referida instituição tem discutido a inserção de legenda nas teleaulas, especialmente, as que são assistidas por alunos com deficiência auditiva que não são usuários da Libras. Todavia, grandes barreiras se colocaram neste processo desde as financeiras (esta é uma tecnologia de alto custo) até às pedagógicas, pois os softwares de tradução

existentes não atendem com qualidade suficiente ao processo de tradução simultânea numa teleaula ao vivo. Aqui também encontramos barreiras tecnológicas que, à vista de um leigo, não existiriam, como o fato de alguma ferramenta trabalhar com determinada linguagem (ou mesmo o vídeo utilizar um formato para ser publicado e não outro), pode implicar na dificuldade de alguns softwares de acessibilidade na leitura dos materiais disponibilizados aos estudantes.

No ano de 2013, encontrou-se uma alternativa para suprir esta barreira, trata-se das transcrição não literal das teleaulas (UMESP, 2013). A transcrição não literal do conteúdo das teleaulas se dá por meio da produção de um resumo detalhado da aula do professor, o qual, após a conferência e validação do professor, é disponibilizado para acesso do estudante com deficiência auditiva, não proficiente em Libras, no ambiente virtual de aprendizagem. Segundo o relatório, no ano de 2013, no período de agosto a novembro, foram transcritas 23 teleaulas, sendo 13 transcrições do curso de Processo Gerenciais e 10 do curso de Logística. O desafio, neste caso, tem sido o tempo de realização da tarefa. Uma vez que se trata de um trabalho realizado apenas por uma pessoa. Entretanto, o processo tem se mostrado eficiente por conta do aluno com deficiência receber o resumo transcrito no máximo dois dias após a publicação do vídeo na plataforma. Vale lembrar que as teleaulas transcritas se dão ao vivo e, portanto, não são possíveis de serem transcritas com maior antecedência.

Outro material didático pedagógico que a EAD da UMESP utiliza chama-se Leitura @tiva. Trata-se de um roteiro de aprendizagem. Disponibilizado em formato web, contém todas as atividades e leituras que o aluno deverá realizar a longo da semana de curso. Neste roteiro ficam estabelecidos os prazos, as horas de dedicação, bem como a explicação de cada item colocado como vídeos e textos. Por tratar-se de uma ferramenta web (utiliza-se o Wordpress), sendo que os softwares de acessibilidade existentes conseguem fazer esta leitura sem problemas.

Vale ressaltar, no entanto, que há a necessidade de áudio descrição das imagens que são inseridas nesta ferramenta. Inicialmente, este recurso não era disponibilizado. Todavia, desde 2013, a equipe de produção de materiais didático pedagógicos, responsável pela postagem e disponibilização dos materiais e a Assessoria Pedagógica, responsável pela revisão do material, trabalham para que todas as imagens dos cursos que possuem alunos com deficiência visual recebam a áudio descrição. Algo que tem facilitado esta ação, em particular, é a experiência de uma das pessoas da equipe EAD no trabalho com pessoas com deficiência visual na área de áudio descrição.

Além, destas possibilidades tecnológicas, o material utilizado para nortear o curso e suscitar discussões ao longo da semana, intitulado Guia de Estudos, também sofre adaptações segundo a necessidade dos alunos deficientes. Embora disponibilizado virtualmente no ambiente do curso do aluno, a UMESP realiza, quando necessário, a impressão destes guias com adaptação da fonte e também em braile – este último em uma gráfica especializada.

A instituição pesquisada aponta que há necessidade, no entanto, que o aluno declare sua deficiência para que a equipe da UMESP possa realizar um trabalho mais especializado. Não é raro ocorrer de um aluno não declarar sua deficiência no ingresso do curso, fazendo-o meses depois. Quando isso ocorre, a equipe multidisciplinar trabalha para minimizar o impacto da falta da auto declaração da deficiência.

Importante ressaltar também neste processo comunicativo e de produção de conhecimento o papel do professor auxiliar¹⁵. Quando há a autodeclaração da deficiência pelo aluno, a equipe comunica o professor auxiliar e coordenador de curso, que ficam responsáveis pelo acompanhamento diferenciado deste aluno.

Feitas as comunicações, trabalha-se no sentido de acolher este aluno e possibilitar a melhor maneira dele fazer o seu curso, o que inclui a busca por adaptações e ferramentas locais, que se fizerem necessárias no polo de atendimento presencial, para que este aluno possa efetivamente ser incluído e sentir da mesma forma que os demais.

Trata-se de uma atuação institucional em vários níveis e pontos de contato com o aluno que exige trabalho em rede, para que o espaço e o tempo acadêmico sejam, para além de transformadores, nestes casos, acolhedores e promotores da autonomia para a produção do saber.

A inclusão de pessoas com deficiência na educação a distancia enfrenta muitos dilemas nos termos do oferecimento das condições de acessibilidade física, comunicacional e atitudinal. As barreiras persistem desde os problemas de mobilidade urbana narrados pelo estudante João, passam pelos problemas na qualificação da equipe técnica nas questões da tecnologia assistiva, chegando até aos problemas de usabilidade da tecnológica assistiva por parte dos próprios estudantes (muitos têm acesso à tecnologia avançada mas não sabem como utilizá-la em seu cotidiano escolar.

2. As janelas que abrem horizontes: o percurso das cartas à compreensão cênica

A prática da escrita de si é entendida por Passeggi e Souza (2010) como uma nova epistemologia do processo formativo. O fundamental nesse processo de escrita é que o adulto seja ajudado a desenvolver uma reflexividade crítica face a saberes em evolução e, no caso dos participantes desta pesquisa, buscou-se com a escrita das narrativas promover nos participantes e nos atuais e futuros professores da educação básica uma sensibilidade para a inclusão das crianças que chegam à escola com diferentes deficiências e, portanto, diferentes necessidades de atendimento, de acompanhamento e de mediação.

Entendemos que “toda atividade humana individual é atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social (...) Toda vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social” (FERRAROTTI, 2010, p. 46). Importa destacar que, ao defender essa ideia, Franco Ferrarotti atribui à subjetividade um valor de conhecimento. Portanto, assumimos em nossa pesquisa que as cartas aqui apresentadas representam histórias de vida e inclusão, que devem ser partilhadas e refletidas nos termos da subjetividade como valor de conhecimento.

Segundo Ricoeur (1986) a mediação da narrativa é constitutiva também da reflexividade. É na construção de um enredo para a história que se dá forma à experiência, que ela adquire sentido e é ressignificada. Nestes termos, entendemos que essa ressignificação se deu, nesse projeto, à medida em que as cartas foram sendo redigidas e compartilhadas entre e pelos participantes da pesquisa, sejam estes docentes, equipe técnica EAD ou estudantes.

Após o primeiro encontro virtual da pesquisa, realizamos, no processo de constituição do material documentário, outros três encontros. Na segunda reunião, os

¹⁵ Denominamos professor auxiliar aquele que acompanha o curso junto do aluno no decorrer do semestre. Compete a esse professor fazer todo o relacionamento, comunicação e correção das atividades dos alunos que lhe foram destinados no semestre.

estudantes foram convidados a escrever uma carta para um professor de referência no período de sua escolarização. Já, os dois últimos encontros, foram as ocasiões para a partilha e tematização das cartas escritas.

O primeiro fato que nos surpreendeu foi a constatação de que, mesmo orientados a escrever para os professores, os sujeitos desta pesquisa narrativa remeteram suas cartas a outros profissionais: o João escreveu para o prefeito da cidade, a Amanda escreveu para o diretor da escola. Somente a Vivian escreveu para um professor. Maria, a estudante com surdez profunda, por sua vez, não escreveu a carta e decidimos respeitar sua posição, uma vez que ela poderia negar-se à escrita por problemas com a língua portuguesa.

No processo de tematização das cartas, foram notáveis temas comuns: descrição da deficiência com linguagem médica; indicação das barreiras enfrentadas para convívio social; preocupação com a orientação aos demais estudantes sobre a deficiência do colega; dedicação no oferecimento de dicas para a inclusão de crianças com deficiência aos professores da educação básica. A seguir, transcrevemos uma das cartas, convidando-os a identificar estes temas nesta carta ao professor.

Caro professor,

Venho aqui compartilhar com você a minha experiência como deficiente auditivo e estudante no ambiente de ensino. Com o intuito de poder ajudá-lo no relacionamento com outros deficientes auditivos, contarei um pouco da minha história e das minhas dificuldades nesse ambiente, e no meu dia a dia.

Até meus 25 anos de idade fui uma pessoa de audição normal, mas a partir desta idade fui sentindo certa sensibilidade para sons muito agudos. Aos poucos, percebia uma dificuldade cada vez maior em entender o que as pessoas me diziam, percebi que estava lendo os lábios das pessoas para decifrar o que falavam. Engraçado como fazemos isso instintivamente, como o cérebro humano procura formas de se adaptar aos seus desequilíbrios.

Depois de quase dois anos e dois médicos distintos me tratando, fui aconselhada a procurar um especialista no assunto. Esse médico confirmou o diagnóstico de Otosclerose, uma doença genética degenerativa dos ossos do ouvido; doença sem cura, mas com tratamento. E desde então controlo as perdas auditivas com um medicamento que é comumente receitado a pacientes que sofrem de osteoporose, o Alendronato de Sódio.

Hoje possuo um grau de audição moderado/severa nos dois ouvidos, e a 8 anos venho aprendendo a conviver com a doença e as limitações que ela me trás. Sou usuária de prótese auricular, o que me concede uma audição quase normal, que me permite trabalhar no ramo de vendas; uma área complicada para uma pessoa como eu; e estudar.

A maior dificuldade que enfrentei e ainda enfrento é a falta de paciência das pessoas; sinto isso particularmente no meu trabalho; pois as pessoas se irritam quando peço para que elas repitam o que falaram. Algumas não sabem moderar a voz; ou falam muito baixo, ou quando descobrem que sou surda começam a gritar, o que me constrange muito até hoje.

Por isso gostaria que alunos como eu pudessem ter uma atenção e paciência maior de seus professores. Assim como foi difícil para mim me adaptar, mesmo depois de adulta, a essa nova condição; imagino

como deverá ser difícil para uma criança em processo de aprendizagem, lidar com essas dificuldades.

Então, quando estiver em sala de aula onde houver um deficiente auditivo procure falar em um tom claro e objetivo, (pergunte a ele se a altura da sua voz esta boa para o seu entendimento) e sempre de frente para o seu aluno. Evite colocar as mãos na boca, e se virar enquanto fala. Pergunte em particular e amistosamente se ele tem compreendido bem as suas aulas, e estimule o aluno a se pronunciar sobre melhorias na comunicação entre vocês.

E por fim, e talvez o mais importante, estimule a interação social do seu aluno. Pois por experiência própria se sentir acolhido e aceito é o mais importante para um aluno deficiente se sentir realmente incluído e estimulado a ir adiante. Faça com que os colegas de classe sigam essas mesmas orientações que você segue ao se comunicar com o aluno; faça com que eles conheçam a história do seu aluno, tomando o cuidado para não constrangê-lo. Converse com eles de uma forma a estimular a curiosidade sobre o outro, deixem que eles façam perguntas ao aluno deficiente. Acho que as barreiras do preconceito só são derrubadas conforme conhecemos o nosso semelhante, em suas dificuldades e singularidades de vida.

Porque não basta simplesmente colocar um deficiente numa sala de alunos “normais”, para que ele esteja realmente incluído; para esse sentimento de pertencimento existir mesmo é preciso que ele se sinta compreendido em suas necessidades e tratado como igual em direitos e deveres.

Espero ter contribuído de forma satisfatória com a melhoria do ensino que daremos a esses alunos especiais, e espero eu mesma como futura Pedagoga contribuir para um ensino realmente inclusivo para todos os nossos alunos deficientes. Obrigado!

Apenas uma carta dentre três outras. E uma questão pode ser feita. A quantidade de participantes neste estudo não pode ser considerada pequena para uma parte considerável de pesquisadores das ciências sociais e humanas? Entendemos que pequenez não é um adjetivo que cabe ao sujeito no campo educacional, o que nos remete à discussão feita por Ferraroti (1988) sobre quantas biografias seriam necessárias para se chegar a uma verdade científica. Diante da premissa de que as narrativas autobiográficas relatam, a partir de um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana, o autor afirma:

Quantas biografias são precisas para uma “verdade” sociológica? Que material biográfico será mais representativo e nos proporcionará mais verdades gerais? [...] o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história da nossa vida individual. [...] Se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual. (Ferraroti, 1979: 30)

No caso das narrativas aqui trazidas, concordamos com o autor e defendemos que, principalmente, na área de inclusão de pessoas com deficiência, necessitamos refletir sobre o que essas narrativas nos dizem, como e em que medida elas nos tocam e principalmente, o que faremos a partir delas. O que faremos a partir de uma carta?

Considerações finais

Apresentamos os resultados parciais desta pesquisa narrativa autobiográfica, pois a finalização da mesma se dará na partilha de uma *Carta aberta aos educadores* por meio de um seminário de extensão com professores da rede pública de ensino da cidade de São Bernardo do Campo no estado de São Paulo, Brasil. Todavia, no percurso percorrido até o momento, já identificamos os temas a serem trabalhados na construção do texto final de pesquisa.

A presença das pessoas com deficiência na EAD se mostrou como reivindicação e apontou, por um lado, algumas dificuldades e, por outro afirmou avanços na construção de um espaço educacional inclusivo também nesta modalidade. Dentre as dificuldades podemos citar a usabilidade das TIC e tecnologia assistiva neste contexto (as pessoas com deficiência carecem de letramento digital); a mobilidade urbana (a EAD possibilita maior acesso educacional pois a presença no polo presencial se dá somente num dia) e qualificação da equipe de apoio técnico nos polos (o Brasil enfrenta problemas na qualificação profissional em TI) e a persistência do modelo assistencialista no espaço educacional (os estudantes com ainda dependem de monitor, mãe, colegas ou intérprete).

Quanto às afirmações, confirmou-se a notória contribuição das tecnologias da informação e comunicação para inclusão, quando no espaço educacional inclusivo se dá uma vinculação direta entre TIC e Tecnologia Assistiva. Afirmou-se também a relevância da constituição de uma comunidade de conhecimento onde as histórias da inclusão possam ser narradas em suas diferentes estações desde a educação básica até a educação superior. Acreditamos que o sujeito pode ser mobilizado pelo próprio processo de narrar-se.

Referências Bibliográficas

- ARETIO, L. G. (2002), *La educación a distancia*. 2ªed. Barcelona: Ariel.
- AZEVEDO, A. (2014), *Educação a distância: desafios e contribuições para docentes e discentes*. International Studies on Law and Education 11, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto 2012. Disponível em http://www.academia.edu/1567386/Educacao_a_distancia_Desafios_e_contribuicoes, [consultado em 10-09-2014].
- BEHAR, P.A., PRIMO, A. F., LEITE, S.M. (2005) “ROODA/UFRG: uma articulação técnica, metodológica e epistemológica”. In BARBOSA, R., *Ambientes virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- BRASIL/MEC (2008), Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação, p.18
- CONNELLY, F.M. & CLANDININ, D.J (1990). Stories of experience and narrative inquiry. *Educational Researcher*. 19(5), pp. 2-14.
- COSTA-RENDERS, E. C. (2012), *Invisibilidade e emergência da universidade inclusiva na tessitura de memórias*. Campinas, São Paulo, 2012.
- FERRAROTTI, F. (2010) “Sobre a autonomia do método biográfico”. In A. NÓVOA, M. FINGER, *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN.
- SOUZA, C. (2011), “A vida com as histórias de vida: experiências, redes e apropriações”. In M. BARBOSA, M. C. PASSEGGI, *Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução auto biográfica*. Natal: EDUFRN.
- MORAN, J.M. (2000) “Ensino e aprendizagem, inovações com tecnologias audiovisuais e telemáticas”. In J. M. MORAN, M. T. MASETTO, M. A. BEHRENS, *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus.

Recebido para publicação em 12-02-15; aceito em 11-03-15